

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

KARLA DAYANNA DE ALMEIDA LORENSETTI ROMAN

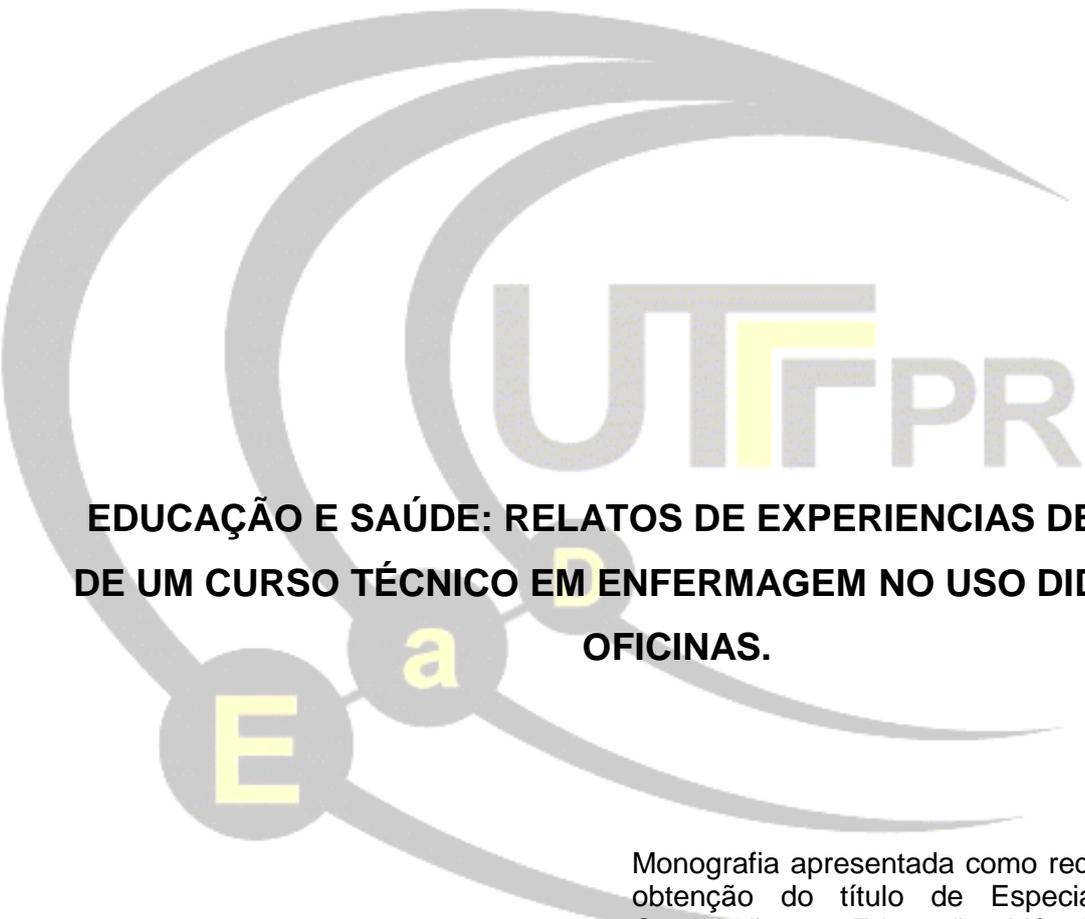
**EDUCAÇÃO E SAÚDE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS
DE UM CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO USO DIDÁTICO DE
OFICINAS.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

KARLA DAYANNA DE ALMEIDA LORENSETTI ROMAN



**EDUCAÇÃO E SAÚDE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS
DE UM CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO USO DIDÁTICO DE
OFICINAS.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo UAB do Município de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Dr. André Sandmann

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

EDUCAÇÃO E SAÚDE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS DE UM
CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO USO DIDÁTICO DE OFICINAS.

Por

Karla Dayanna de Almeida Lorensetti Roman

Esta monografia foi apresentada às 9 h do dia 25 **de outubro de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. André Sandmann
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof Dr. Vanessa Hlenka
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Dr. Ivaldete Tijolin Barros
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho ao meu esposo
Rodson e ao meu filho Miguel.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Dr. André Sandmann pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”
(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

ROMAN, KARLA D. A. LORENSETTI. Educação e Saúde: relatos de experiência de alunos de um curso técnico em enfermagem no uso didático de oficinas. 2014. 32. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática avaliar as experiências adquiridas pelos alunos de um curso técnico em enfermagem, na utilização de oficinas como método didático, para apresentar diversos assuntos relacionados à saúde em ambientes escolares. O trabalho foi realizado no município de Marechal Cândido Rondon, região oeste do Paraná, contemplando uma escola municipal e um CMEI para a aplicação das oficinas. As oficinas foram desenvolvidas durante os meses de abril a junho de 2014. Tratou-se de um estudo exploratório de abordagem quantitativa, que após a realização das oficinas, foi aplicado aos alunos do curso técnico, um questionário onde se buscou identificar, as experiências significativas, vivenciada durante a didática solicitada. Obteve-se como resultado final um processo de ensino-aprendizagem diferenciado com saldo positivo na avaliação dos discentes no uso das oficinas como forma de apresentação dos conteúdos programados.

Palavras-chave: Didática, ensino- aprendizagem, educação.

ABSTRACT

ROMAN, KARLA D. A. LORENSETTI. Educação e Saúde: relatos de experiência de alunos de um curso técnico em enfermagem no uso didático de oficinas. 2014. 32. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work had as its topic the evaluation of the experiences acquired by the students who attended a Nursing Technician course when using workshops as teaching methods to present several subjects related to health in school environments. The work was carried out in the city of Marechal Cândido Rondon, in the western part of Paraná, considering a municipal school and a nursery school to the application of the workshops. The workshops were developed between April and June 2014. It was an exploratory study with a quantitative approach and, after the workshops fulfillment, the students of the Nursing Technician course had to answer a questionnaire through which it was intended to identify the meaningful experiences that were faced during the application of the mentioned teaching methods. The final result was a distinguished teaching-learning process with a positive balance in the evaluation of the students when using the workshops as a different way to present the planned contents.

Keywords: Didactic; teaching-learning process; education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Participação dos alunos nas oficinas.....	21
Figura 2 – Apresentação do teatrinho sobre higiene oral.....	22
Figura 3 – Aluno realizando a prática de lavagens das mãos.....	23
Figura 4 – Alunas na oficina sobre drogas.....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 As oficinas como didática de ensino	14
2.1.1 Doenças abordadas durante as oficinas	16
2.1.1.1 Desenvolvimento do corpo humano e suas diferenças	17
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
3.1 ANÁLISE DOS DADOS.....	19
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE(A)	30
ANEXO(A)	31
ANEXO (B).....	32
ANEXO (C).....	33
ANEXO (D).....	34
ANEXO (E)	35

1 INTRODUÇÃO

O interesse crescente pelo tema saúde na adolescência por si é uma justificativa para a elaboração desse trabalho. Nos últimos anos, as ciências da saúde, como a medicina, por exemplo, intensificaram a tendência de se trabalhar o indivíduo de acordo com a faixa etária, para melhor compreender as especificidades do ser humano.

Talvez esteja nisso um grande desafio para quem lida com a criança e o adolescente, ao atender um sujeito que se encontra em pleno processo de transformação. Conhecer suas necessidades, pensamento, angústia exige um processo de crescimento tanto para o profissional professor, profissional da saúde e para os pais que o acompanham nesse turbilhão de ações hormonais, que o transformam constantemente.

Nas últimas duas décadas, a atenção à saúde da criança e do adolescente como também programas específicos para esse público, vem se tornando uma prioridade em muitos países, assim como ocorre aqui no Brasil e inclusive em instituições internacionais de fomento à pesquisa, como UNICEF, OMS.

Isto se deve à constatação através de dados de pesquisa relacionados e banco de dados de órgãos de saúde, onde se observou que a formação do estilo de vida da criança e do adolescente é crucial, não somente para ele, como indivíduo mais as pessoas em que estão em contato no seu ambiente familiar, escolar, de trabalho, na comunidade onde habita e pensando amplamente o estilo de vida o qual se caracteriza hoje impacta também as gerações futuras.

Com o objetivo de diminuir a vulnerabilidade de adolescentes e jovens às DST'S (Doenças sexualmente transmissíveis), como também à infecção pelo HIV, o Ministério da Educação criou o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), em 2003.

Para colaborar com um município da região oeste do Paraná, que não aderiu ao programa SPE, as oficinas de Educação em saúde, foram promovidas em uma escola municipal desse município como também em um CMEI, onde teve a participação dos alunos do curso técnico em enfermagem do Colégio Estadual Antonio Maximiliano Ceretta, durante os estágios de Saúde da Criança e do adolescente e Vigilância em saúde.

A perspectiva da realização das oficinas foi, de promover assuntos de saúde para essas crianças, de modo que as mesmas participassem das oficinas e que de acordo com os assuntos propostos a linguagem utilizada e a didática aplicada tivesse ênfase na compreensão e sanassem as dúvidas pertinentes.

Nesse contexto, o trabalho teve como objetivo apresentar as ações desenvolvidas durante as oficinas e analisar as experiências do processo de ensino aprendizagem obtidos pelos alunos do curso técnico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que fica sempre marcada na vida do jovem. As situações adversas que prejudicam a saúde de crianças e jovens brasileiras são associadas com a região onde as mesmas moram, envolvendo condições socioeconômicas e grupos etários (KAWAMOTO, 2009).

Em 1995 o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação têm, conjuntamente, reunido esforços para que os temas em saúde sexual e saúde reprodutiva sejam trabalhados nas escolas (BRASIL, 2006).

Do trabalho integrado entre os dois ministérios nasceu o “Projeto Escolas” que iniciou as ações apoiando projetos em 16 Unidades da Federação (UF) de maior importância para a epidemia, entre 1994 e 1999. Entre 1999 e 2000, o projeto expande as estratégias para os 27 estados por meio do programa “Salto para o Futuro” que atingiu aproximadamente 250 mil professores e mais de 9 milhões de alunos do ensino fundamental e médio.

No âmbito federal, o projeto é conduzido pelo Ministério da Educação (Secretaria de Educação Básica, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), Ministério da Saúde (Programa Nacional de DST e Aids, Área Técnica da Saúde do Adolescente e do Jovem e Departamento de Atenção Básica), UNESCO, UNICEF e UNFPA. Essas instituições constituem o Grupo Gestor Federal (GGF) que está encarregado da elaboração de diretrizes, definição de estratégias, avaliação e monitoramento do projeto.

Com o aumento dos índices de HIV/Aids e a responsabilidade enquanto profissional da saúde e atuação como professora, os objetivos que foram idealizados para a integração das oficinas nas escolas sobre esse assunto foram: promover o conhecimento sobre o corpo humano, as DST e abuso de drogas nos ambientes escolares, transmitir de forma pedagógica as formas de prevenção, diagnóstico e tratamento das DST e utilizar as oficinas como ferramenta didática para expor o conteúdo de maneira que os alunos se concentrassem e pudessem compartilhar das dúvidas, anseios e adquirirem esclarecimentos sobre o assunto.

2.1 AS OFICINAS COMO DIDÁTICA DE ENSINO

Segundo Schmitz (1982) os indivíduos que tem vontade de aprender necessitam um ambiente social favorável, para que haja o planejamento do aprendizado, ou seja, precisam de um local adequado, com instalações em condições favoráveis como também uma aula adequada e de boa qualidade para que o processo de ensino-aprendizagem seja concreto.

Brasil (2006, p. 9) define como uma das propostas metodológicas para trabalhar os assuntos de educação e saúde e abordagem das dst's seja em forma de oficinas "para cada oficina estão indicados: título, objetivos, tempo de duração, material necessário e orientações para a atuação dos facilitadores".

As ações que promovem a educação conforme Libâneo (1992) exercem influência sobre os educando e as condições como isso ocorre, tem a capacidade de transformar através do aprendizado o ambiente social em que estão inseridos.

Perrenoud (2000) nos dez passos ou linhas para ensinar com competência; uma das suas sugestões é envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho. E menciona que o professor induza o aluno a agir de forma mais intensa mais colaborativa para que o conhecimento seja melhor.

Relacionar conteúdos explícitos em técnicas convencionais como somente à utilização de explanação, talvez seja uma maneira não muito atrativa quando temos em sala de aula um público jovem, buscar novas formas de ensinar algo complexo ou que tenham certo "tabu", onde a interação dos alunos se faça presente é algo que contribui para debate e um ensino crítico e construtivo (VEIGA, 1990).

Para Brasil (2006, p.10) "as experiências [...] levam a crer que os encontros gera melhor nível de integração do grupo, envolvimento dos participantes e aprofundamentos dos temas".

De acordo com Perrenoud (2000, p. 26) "conhecer os conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende instruir alguém." Ao refletir sobre o que o autor fala é algo muito profundo, pois quem detém do conhecimento o adquiriu de alguma forma, aprendeu ouvindo, lendo, escrevendo, porém é individual. Pois dentro de uma sala de aula o professor é o provedor do conhecimento, porém cada aluno vai absorver conforme suas capacidades intelectuais e experiências já vivenciadas, por isso o conhecimento é único e individual e diferente para cada discente.

Com tudo ao utilizar algum tipo de abordagem diferenciada para realizar o processo de ensino-aprendizagem o locutor necessita estar preparado e dominar a prática dessa abordagem para não perder o foco e não desarticular durante o processo.

Conforme Libâneo (1992, p.17) “há métodos, técnicas, lugares e condições específicas prévias criadas deliberadamente para suscitar idéias, conhecimentos, valores, atitudes, comportamentos”.

Analisando a frase do autor podemos entrar em varias linhas de discussão mais uma das mais interessantes que vem ao encontro do tema do trabalho são os lugares e condições prévias.

Contudo Bassedas (1999, p.63) “qualquer prática educativa fundamenta-se em algumas bases psicopedagógicas implícitas: como os seres humanos aprendem que peso tem influência da interação com as outras pessoas”.

A interação existente durante a abordagem nas oficinas tem um desenvolvimento intelectual não mensurável, pois a qualquer momento no surgimento das dúvidas os alunos podem interagir, sanando as dúvidas existentes como também agregando informações que os mesmos conhecem explanando seus conhecimentos utilizando uma linguagem formal de fácil entendimento.

Nesse caso durante as oficinas a conversação é proferida alguns termos técnicos, pois é do cotidiano do profissional da saúde utilizá-los, porém quando fizemos o uso do mesmo em seguida damos a sua significância. E quando a interação do aluno com a turma a linguagem que ele utiliza é o dito popular ou até mesmo fazem uso de gírias utilizadas no grupo.

De acordo com Santo (1996) “a forma de expressão e a liberdade necessária para tanto é que permitem o aprofundamento dessa questão de qualidade”. A contribuição do aluno durante as oficinas é importante pois as informações por eles dadas muitas vezes é passível de correção, pois tem cunho errôneo sobre as sintomatologias das doenças, os tabus relacionados ao contágio da doença como também o relacionamento durante o diagnóstico e tratamento das mesmas. Muitos alunos já ouviram falar sobre o assunto porém não tem um informação correta sobre os mesma.

2.1.1 DOENÇAS ABORDADAS DURANTE AS OFICINAS

De acordo com a Constituição Federal de 1988 o Estado passou a ter mais responsabilidades em promover ações e serviços voltados à saúde como também a universalização dos seus direitos (BRASIL, 2008).

Devido a essa nova lei muitas ações voltadas ao campo da saúde e educação se ampliaram, porém muitas vezes não se encontraram em um mesmo viés.

Uma das ações que deveria ser desenvolvida pelas ESF (Estratégias Saúde da Família) é: “desenvolver ações educativas que possam interferir no processo saúde-doença da população e desenvolver ações focalizadas sobre os grupos e fatores de risco comportamentais” (KAWAMOTO, 2009, p. 23).

Tal ação muitas vezes não ocorre, por falta de aderência do programa nos municípios, e as Unidades básicas de saúde ou em colégios que tenham cursos profissionalizantes da saúde acabam desenvolvendo essas pequenas estratégias nas escolas que aceitam a realização das palestras, oficinas e aulas práticas sobre assuntos da saúde.

Para Kawamoto (2009, p. 7), ao citar a definição de saúde conforme a Organização Mundial da Saúde “saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não a mera ausência de moléstia ou enfermidade”. Dentro dessa definição feita pelo autor é que começaremos a abordar os temas abordados nas oficinas e as sintomatologias gerais das doenças.

Durante as oficinas observamos que os alunos têm algum conhecimento sobre determinadas doenças como: HIV, hepatite, sabem os métodos de prevenção da gravidez, porém não sabem como utilizá-los de maneira correta.

Conforme Brasil (2006) ao trabalhar com a temática da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis por ser um tema muito amplo, necessita-se de um vasto conhecimento de diferentes profissionais da área de saúde e educação para realizar uma abordagem afetiva, de forma ética, envolvendo o ambiente sociocultural que os alunos estão envolvidos.

No Brasil, os primeiros casos de Aids surgiram por volta de 1980 principalmente em homens. Em 1983 que as mulheres começaram a ser diagnosticadas com a doença. Outro fator relação com a doença é que as notificações demonstraram que os portadores da doença são pessoas de baixa-

renda (BRASIL, 1998). Em nosso país existe uma epidemia concentrada do HIV na população de 15 a 49 anos (BRASIL, 2010).

A AIDS é considerada uma doença pandêmica. As pessoas são infectadas pelo vírus (HIV) onde tal microorganismo evolui no sistema imunológico, destruindo os linfócitos, que são células de defesa do organismo. Uma vez agravado a imunidade do indivíduo o portador apresenta infecções oportunistas (BRASIL, 2010).

Enfatiza-se que o tema HIV é uma doença que ainda não tem cura, mas é possível preveni - lá e trata – lá (BRASIL, 2006).

Outra doença que é abordada nas oficinas são as hepatites virais, que de acordo com Brasil (2006), as pessoas infectadas muitas vezes não sabem que tem a doença, onde contribui para o alastramento da doença infectando outras pessoas.

De acordo com Brasil (2006) no Brasil devem existir aproximadamente 2 milhões de pacientes crônicos com hepatite B e 3 milhões com hepatite C. Os sintomas gerais da hepatite são: icterícia aguda, colúria, fadiga, anorexia, náuseas, mal-estar geral.

A sífilis também é outra doença trabalhada e que segundo Brasil (2006), é considerada uma doença infecciosa podendo ser transmitida sexualmente ou materno-fetal.

2.1.1.1 DESENVOLVIMENTO DO CORPO HUMANO E SUAS DIFERENÇAS

A criança quanto esta entre idade de 9 aos 12 anos começa a perder sua infantilidade e o seu crescimento acelera devido a atuação hormonal desencadeada durante esse processo de transição de criança-jovem-adulto (KAWAMOTO, 2009).

As mudanças nas meninas são o aparecimento de pelos pubianos, desenvolvimento do tecido mamário, aumento do diâmetro transversal da pelve. Segundo Kawamoto (2009), nos meninos ocorre o aumento dos testículos e pênis, a cor do escroto também muda.

Na realização das oficinas ao abordar o corpo humano muitos alunos ficam tímidos outros já começam a falar que a irmã já “sangrou”, tem namorado essas informações foram colocadas. No geral pudemos observar que nessa oficina eles ficam mais agitados porque tem muitas indagações, do “por que” isso esta acontecendo com o corpo deles.

Brasil (2006, p.17) “muitos participantes poderão estar receosos quanto à abordagem da sexualidade ou inseguros quanto a sua própria competência para tratar de assuntos complexos e muitas vezes polêmicos”.

Para essa pratica também utilizamos a caderneta de saúde do adolescente disponibilizada pelo Ministério da Saúde, que possui versões para o menino e para a menina justamente abordando esse tema com uma linguagem simples e ilustrativa as diferenças que acontece no corpo dos adolescentes. No anexo C consta a mostra das capas das cadernetas utilizadas.

Como forma de demonstração da evolução que o corpo passa também utilizamos algumas imagens do corpo do menino e da menina contida no anexo D, juntamente com figuras do sistema reprodutor feminino e masculino também contidas no anexo E.

De acordo com Brasil (2006), a orientação sobre o funcionamento dos órgãos sexuais e reprodutivos são importantes pois compõe o processo de transformação do corpo que influencia também nas relações humanas dos futuros jovens.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho utiliza-se de uma pesquisa exploratória de abordagem quantitativa. Segundo Minayo (2007, p. 54) “no campo da saúde coletiva, os métodos freqüentemente usados para estudos das populações humanas são os quantitativos (mais freqüentes por meio da epidemiologia)”.

A pesquisa foi realizada no município de Marechal Candido Rondon, região oeste do Paraná, e as oficinas foram desenvolvidas em uma Escola Municipal e um CMEI (Centro Municipal Educacional Infantil) com a colaboração de uma UBS (Unidade Básica de Saúde) do bairro.

Para o desenvolvimento das oficinas primeiramente foi entrado em contato com o as coordenadoras e professoras dos respectivos locais, após apresentação da proposta das oficinas e aprovação das mesmas, foi encaminhado para os pais dos alunos um cronograma com as atividades a serem desenvolvidas e um bilhete de aceitação para liberação das crianças para a participação das oficinas como também o registro fotográficos.

As oficinas desenvolvidas pelos alunos do curso técnico em enfermagem aconteceram nos meses de abril, maio e junho de 2014. Foram utilizados para o desenvolvimento das oficinas: vídeos, slides, cartazes, fantoches, preservativos feminino e masculino, cartilhas e folders do Ministério da Saúde conforme anexos.

Após desenvolvimento das oficinas, foi aplicado aos alunos do curso técnico em enfermagem que participaram das atividades, um questionário contendo sete questões relacionadas sobre as oficinas que eles participaram, o que desenvolveram e descreverem sua experiência significativa na realização das oficinas.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS

A análise foi realizada de acordo com as respostas obtidas nos questionários, buscou-se discutir as figuras para melhor entendimento dos aportes e enumerados conforme sua realização. Para a identificação dos alunos e preservação de suas identidades foi representados pela letra (e), simbolicamente. Também será utilizado gráfico e fotos das atividades para discussão dos dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola municipal, o CMEI e a UBS estão localizadas na mesma quadra por isso da escolha para o desenvolvimento do projeto. No bairro onde estão inseridos, há uma população maior que 3 mil habitantes, de acordo com o mapeamento realizado da ESF (estratégia saúde da família), responsável dessa área.

No CMEI foram atendidos 45 crianças, correspondendo as duas turmas do maternal em 4 encontros diferentes, com um total de 5 alunos do curso técnico em enfermagem para cada encontro.

Na escola municipal foram atendidas 112 crianças, correspondendo a quatro turmas diferentes num total de 6 encontros, contanto com a participação de 7 alunos do curso técnico em enfermagem.

As idades correspondentes dos alunos do curso técnico são de 29% com idade entre 19 a 21 anos, 29% com idade entre 22 a 24 anos e 28% com idade entre 16 a 18 anos.

Observamos que há um público muito jovem dentro das escolas técnicas no Paraná; a exigência mínima para o ingresso nesse curso é a conclusão do ensino médio e não há restrição mínima com as idades conforme a regulamentação de funcionamento do curso. O curso de um modo geral tem uma demanda maior de alunos do sexo feminino.

De acordo com Marin (2014), os alunos de um curso técnico em enfermagem que participaram da sua pesquisa tinham idade média acima dos 30 anos, apenas 5 dos 18 participantes tinham idade entre 20 a 29 anos.

A figura 1 demonstra a porcentagem da participação dos alunos do curso técnico em enfermagem no desenvolvimento das oficinas.

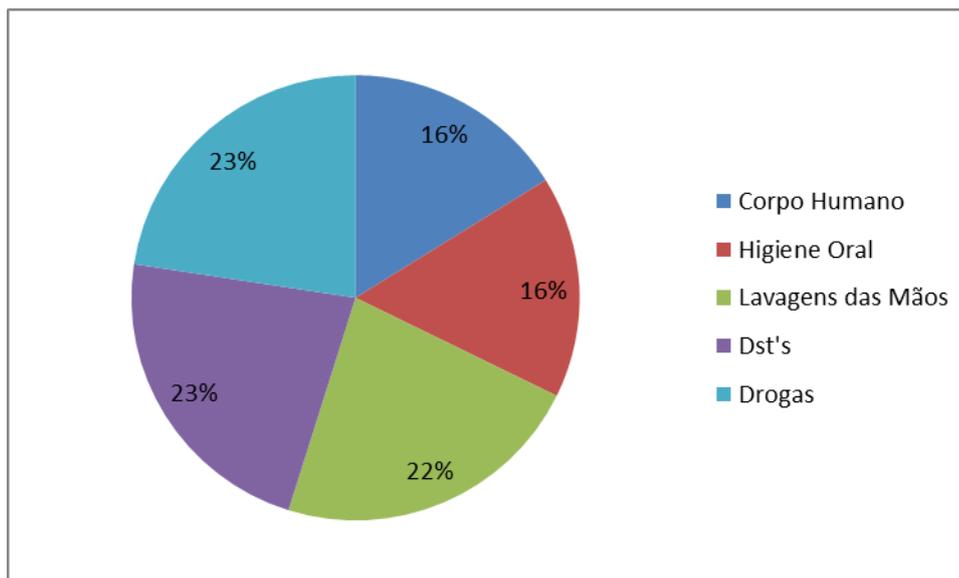


Figura 01: Participação dos alunos nas oficinas.

Ao analisarmos a figura 01 podemos observar que durante o desenvolvimento das oficinas, a do corpo humano e a oficina sobre as Dst's, teve maior representação, pois foi realizada em todas as turmas da escola municipal. Observamos também que a oficina de lavagens das mãos também teve uma representação significativa pois foi a oficina trabalhada em todas as turmas tanto no CMEI quanto na escola municipal.

Nas oficinas de lavagens das mãos e higiene oral foram desenvolvidas tanto no CMEI quanto na escola municipal, mais com ênfase diferenciado e linguagem adequada para as mesmas.

Participaram das oficinas correspondentes os seguintes alunos:

E1: higiene oral, lavagem das mãos, DST'S e drogas.

E2: higiene oral, lavagem das mãos, DST'S e drogas.

E3: higiene oral, lavagem das mãos, DST'S e drogas.

E4: higiene oral, corpo humano, DST'S e drogas.

E5: higiene oral, lavagem das mãos, DST'S e drogas.

E6: higiene oral, corpo humano, DST'S e drogas.

E7: corpo humano, DST'S e drogas.

De acordo com Marin (2014, p.402), “o técnico de enfermagem é um profissional que atua na área da promoção da saúde, na prevenção de agravos”. E durante a formação desse profissional, isso precisa ser trabalhado e vivenciado pelo aluno.

Conforme Maciel (2010), ao realizar um projeto de intervenção e saúde em um CMEI na cidade de Vitória no estado do Espírito Santo, também envolveu alunos de um curso só que aqui superior de enfermagem. Onde foi trabalhada a forma de palestras e avaliações para avaliar o perfil da criança.

Para o desenvolvimento das oficinas sobre o corpo humano foi realizada somente na escola, como também sobre os assuntos de DST'S e drogas. Como podemos ver na figura 02.



Figura 02: Apresentação do teatrinho sobre Higiene oral.

A figura 02 esta demonstrando uma das oficinas que trabalhou sobre higiene bucal, onde primeiramente houve a apresentação de um teatrinho com a utilização de fantoches e posteriormente um vídeo educativo demonstrando como deve ser realizada uma escovação eficiente.

Dentro dessa oficina também é trabalhado a parte pratica os alunos. Encaminhamos os alunos até o saguão da escola onde é realizada uma orientação sobre a mastigação de um comprimidinho, conhecido como identificar de placa bacteriana, que faz a coloração dos dentes que não estão sendo escovados adequadamente, com isso posteriormente os alunos realizaram a escovação dos dentes conforme o passo a passo falado na oficina.



Figura 03: Aluno realizando a prática de lavagens das mãos.

Observamos na figura 03 a participação de um aluno na atividade prática realizada na oficina de lavagem das mãos, nessa oficina é demonstrado e praticado como é realizado a lavagem das mãos corretamente, como também a orientação sobre o que ocorre se não a realizarmos, encaminhamos os alunos para o saguão da escola e realizamos uma dinâmica com eles.

A dinâmica acontece da seguinte forma: com uma venda nos olhos, pintamos as mãos com tinta guache, após isso levamos as crianças nas pias para elas realizarem a técnica da lavagem das mãos, após as crianças referirem que terminaram sua lavagem das mãos, tiramos as vendas e mostramos aonde ficaram resquícios de tinta demonstrando onde não houve uma efetiva e adequada lavagem, para que na próxima vez os mesmos possam lembrar e realizar fricção adequada nos locais onde a sujeira representada pela tinta ficou visível.

De acordo com Moraes (1998), a realização da experimentação em torno de problemas, possibilita ao aluno superar o imperitíssimo vindo somente da observação, e com a realização da prática relacionar o conteúdo a ser aprendido com os conhecimentos prévios que o discente já possui. O autor lembra que a prática é de aplicabilidade para matérias específicas onde permitam a realização das atividades sem fugir da teoria.

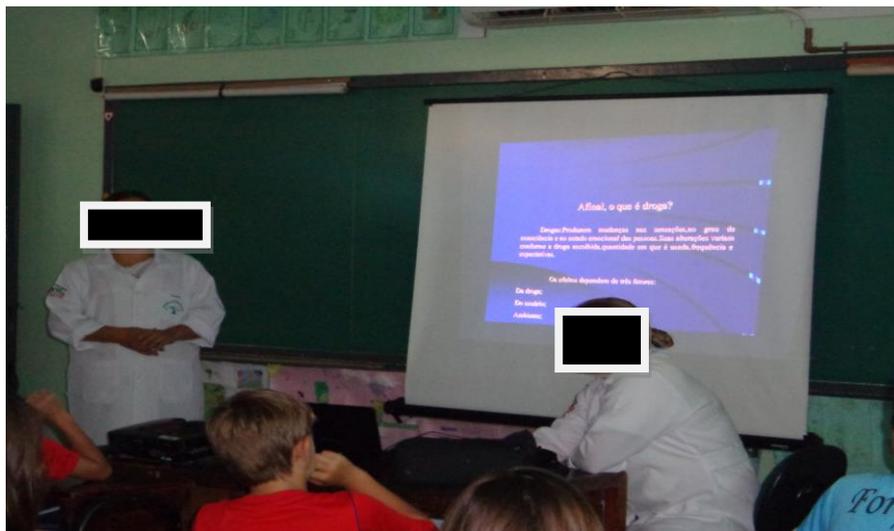


Figura 04: Alunas na oficina sobre drogas.

A figura 04 representa algumas das aulas que foram realizadas nas oficinas sobre drogas, a utilização de slides, vídeos para as oficinas de drogas são muito utilizadas como também uma caixinha de dúvidas que durante as oficinas as crianças e jovens que tem medo, timidez ou vergonha de perguntar algo, ela escreve e essa caixinha fica rodando por um período, dentro da sala e após ela é aberta e respondidas as duvidas dos alunos que não quiseram se pronunciar durante a oficina.

Ao indagar os alunos do curso técnico sobre a conversa e apresentação das oficinas foi questionado sobre as dificuldades encontradas. Algumas respostas foram:

E1: “minha dificuldade foi controlar a atenção das crianças quando eu mostrava o vídeo e falando para eles como deveriam lavar as mãos”.

E4: “para mim a dificuldade maior foi a timidez, pois tenho dificuldades em falar em público, e me proporcionou uma experiência diferente, pois nunca me vi fazendo um trabalho desse”.

E5: “a vergonha de inicio ao mostrar figuras de partes intimas do corpo humano e as crianças riram ao explicar, mais depois fluiu bem as atividades”.

Durante os estágios, onde foram apresentadas as atividades as quais eles iam ter que desenvolver, muitos deles ficaram um pouco incomodados pois a realização dessa atividade, de desenvolver algo para ser apresentado implicaria em muitas questões como falar em público, pesquisar sobre o assunto e procurar

desenvolve-lo de forma que as crianças entendessem sem utilizar os termos técnicos, mais também não utilizar palavras chulas.

E pude perceber que a postura dos alunos foi diferente durante da realização das oficinas enquanto em outros ambientes de estagio. A aluna E1 no final de uma das atividades fez o seguinte comentário: “realmente profe, vocês deveriam ganhar mais, porque aguentar esses alunos não é fácil, hoje eu vi como as conversas atrapalham”.

Também foi perguntado para descrever a experiência significativa que teve durante as oficinas.

E2: “ao abordar o tema DST’S, fiquei muito surpresa porque tinham perguntas que jamais imaginei ouvir, tipo a camisinha entrava dentro do útero”.

E6: “a curiosidade sobre o corpo humano foi incrível, pois tive que estudar mais relembrar novamente a anatomia, e achei a forma que apresentamos ficou bem legal e acredito que eles aprenderam muito”.

E7: “achei que as praticas feitas pelos alunos, fixaram as atividades que passamos, e o teatrinho de higiene bucal ficou bem divertido para eles se tornou atração”.

Para Cerri (2006), os desenvolvimentos das oficinas contribuem para experiências inovadoras como também o aperfeiçoamento da disciplina.

Quando perguntado sobre a utilização das oficinas teve maior adesão dos alunos, tivemos as seguintes respostas:

E1: “legal, gostei, achei que dessa forma que fizemos eles aproveitaram mais e participaram também acho que aprenderam mais”.

E3: “diferente, na minha opinião se algumas coisas fossem abordados dessa forma acho que ia ser melhor aprender”.

E5: “essa coisa diferente falar sobre um assunto percebi que eles ficaram mais atentos quando agente falava”.

Segundo Maciel (2010), esse tipo de contribuição feita para saúde não poderia ser realizada de outra forma, pois faz o individuo refletir sobre o que vê e ouve tendo um pensamento critico ao final.

Os materiais utilizados nas oficinas:

E1: “vídeo da galinha pintadinha, escova de dente, creme de dental”.

E2: “venda para os olhos, tinta guache, sabonete liquido, slides”.

E3: “ cartilha, folders, vídeo”.

E4: “vídeo, preservativo, slides que me lembro foi isso”.

E5: “vídeos, folders, preservativo, cartaz”.

E6: “ slides, fantoches, vídeos, material de higiene oral”.

E7: “ vídeos, folders, cartilha “.

De acordo com Cerri (2006), os recursos audiovisuais deixam de ser materiais facilitadores e a linguagem utilizadas nas oficinas e as expressões passam um aprendizado maior para o aluno.

Ao longo das oficinas foi utilizado material visual, principalmente no CMEI, já na escola a utilização de materiais como folders, cartilha para demonstração e o exercício da prática de alguns assuntos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas buscaram proporcionar aos alunos do curso técnico em enfermagem uma maneira criativa e diferenciada de implementar os seus conhecimentos e aprimorá-los, como também de transmiti-los de forma divertida e atraente para o público envolvido.

As crianças do CMEI e da escola municipal desenvolveram atividades práticas significantes para o processo de ensino e aprendizagem.

Nas oficinas utilizaram-se os meios lúdicos e recursos audiovisuais onde prenderam a atenção das crianças e dos jovens e despertaram para ações concretas.

As experiências vivenciadas pelos alunos do curso técnico proporcionou maior participação dos alunos o que pode conduzir a análise crítica que leva a emancipação cidadã.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, EULÁLIA. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 1999.

BRASIL, Ministério da Saúde. Prevenção e Controle das DST/AIDS na Comunidade: **Manual do Agente Comunitário de Saúde**. Coordenação Nacional de DST e Aids, Brasília, 1998.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde e prevenção nas escolas: **guia para a formação de profissionais de saúde e de educação**. Brasília, Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Atenção Básica. **HIV/Aids, hepatites e outras DST**. Brasília, Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de atenção a saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Saúde do adolescente: **competências e habilidades**. Brasília, Editora do Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Subsecretaria de Planejamento e Orçamento. Sistema de Planejamento do SUS: uma construção coletiva: **perfil da atividade do planejamento no Sistema Único de Saúde: resultados da pesquisa – esfera municipal**. Brasília, Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretária de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Doenças infecciosas e parasitárias: **guia de bolso**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CERRI, LUIS FERNANDO. Oficinas de ensino de história: pontes de didática da história na transição do currículo de formação de professor. **Educação Revista eletrônica**. Nº27, Curitiba, jan/jun, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602006000100014> acesso 21/09/2014.

KAWAMOTO, EMÍLIA EMI. **Enfermagem comunitária**. 2ª Ed. São Paulo, E.P.U., 2009.

LIBANEO, JOSÉ CARLOS. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

MACIEL, ETHEL LEONOR NOIA. Projeto aprendendo saúde na escola a experiência de repercussões positivas na qualidade de vida e determinantes da saúde de membros de uma comunidade escolar em Vitória, Espírito Santo. **Revista eletrônica Ciências & Saúde Coletiva**, v.15 nº2, 389-396, 2010.

MARIN, MARIA JOSÉ SANCHES, et al. Estudantes de curso técnico em enfermagem e sua motivação para o trabalho em enfermagem. **Revista eletrônica de Enfermagem**, v.16, nº2, 401-407, abril-junho, 2014.

MINAYO, M. C. S.; **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MORAES, R. O significado da experimentação numa abordagem construtivista: O caso do ensino de ciências. In: BORGES, R. M. R.; MORAES, R. (Org.) **Educação em Ciências nas séries iniciais**. Porto Alegre: Sagra Luzzato. 1998. p. 29-45.

PERRENOUD, PHILIPPE. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes médicas Sul, 2000.

SANTO, RUY CEZAR DO ESPIRITO. **Pedagogia da transgressão: um caminho para o autoconhecimento**. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 1996.

SCHMITZ, EGIDIO FRANCISCO. **Didática moderna: fundamentos**. Rio de Janeiro: LTC- livros técnicos e científicos editora S.A, 1982.

SILVEIRA, RODRIGO EURÍPEDES et al. Oficinas com professores: **educação em saúde para o manejo com adolescentes**. Revista eletrônica: ACTA Paul Enferm, vol. 25, São Paulo, 2012. Artigo disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002012000900027&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso dia 02 de maio de 2014.

VEIGA, ILMA PASSOS ALENCASTRO. **Repensando a didática**. 4ªed. Campinas: Papirus, 1990.

APÊNDICE(A)

Questionário

1. Idade:
2. De qual oficina participou:
 - () Desenvolvimento do corpo humano diferença do menino e menina
 - () Cuidados com higiene oral
 - () Cuidados com banho e lavagens das mãos
 - () DST's
 - () Drogas
3. O que foi desenvolvido na sua oficina? (teatro, vídeos, exercício prático)
4. Quais as dificuldades para falar com um público de adolescentes?
5. Relate a sua experiência significativa ou que mais chamou sua atenção ao realizá-la?
6. Em sua opinião a utilização das oficinas tem maior adesão ao público adolescente, explique?
7. Quais recursos (materiais utilizados) para realizar a oficina?

ANEXO B

É muito importante que você realize o teste de detecção das Hepatites B e C



Se você recebeu transfusão de sangue, antes de 1992;

Se usou drogas injetáveis, inaladas ou pipadas;

Se nos últimos 12 meses teve vários parceiros sexuais;

Se tem alguma doença sexualmente transmissível;

Se possui alguma tatuagem ou usa piercing;

Se recebeu qualquer tipo de transplante de órgãos ou tecidos;

Se faz hemodiálise, é hemofílico ou HIV positivo;

Se as transaminases estão elevadas.

Você tem certeza que não tem?



O teste das hepatites B e C é simples e não precisa estar em jejum. É feito através da coleta de sangue.

É coberto por todos os planos de saúde, podendo ainda ser realizado nos hospitais públicos, nos Centros de Testagem e Acompanhamento (CTA) e em Unidades de Saúde dos municípios.

Se desejar fazer um teste procure o CTASAE.

Se o resultado for positivo você será encaminhado para a assistência médica especializada.

Não procure o banco de sangue se você quer apenas os exames.

Nesse caso, procure o CTA-Centro de Testagem e Aconselhamento.

Os exames são gratuitos, anônimos e confidenciais.




CTA SAE

Centro de Testagem e Aconselhamento
Rua XV de Novembro, 1267 - Toledo-PR
Tel.: 45 3252-3224
www.ciscopar.com.br
cta@ciscopar.com.br - enfermagem@ciscopar.com.br

HORÁRIO DE ATENDIMENTO
Segunda a Sexta-feira das 7h as 19h

MUNICÍPIOS ABRANGENTES

Assis Chateaubriand, Diamante D'Oeste, Entre Rios do Oeste, Guaira, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Mercedes, Nova Santa Rosa, Palotina, Pato Bragado, Ouro Verde do Oeste, Quatro Pontes, Santa Helena, São José das Palmeiras, São Pedro do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo e Tupãssi.

Produzido com os recursos do PAM 2012

Hepatites Virais B e C



É preciso saber mais. Faça o teste!

O QUE É HEPATITE?

É uma inflamação do fígado causada por vírus, álcool, medicamentos, toxinas, etc.

HEPATITE A (VIRUS DA HEPATITE A)

É transmitida por via fecal-oral, geralmente através de alimentos ou água contaminados.

COMO SE TRANSMITE?

HEPATITE C:

É transmitida principalmente por contato com sangue contaminado.

HEPATITE B:

É transmitida por contato com sangue, sêmen ou secreções corporais contaminados.

DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DA HEPATITE

O diagnóstico é feito através de exames de sangue.

O tratamento varia de acordo com o tipo de hepatite.

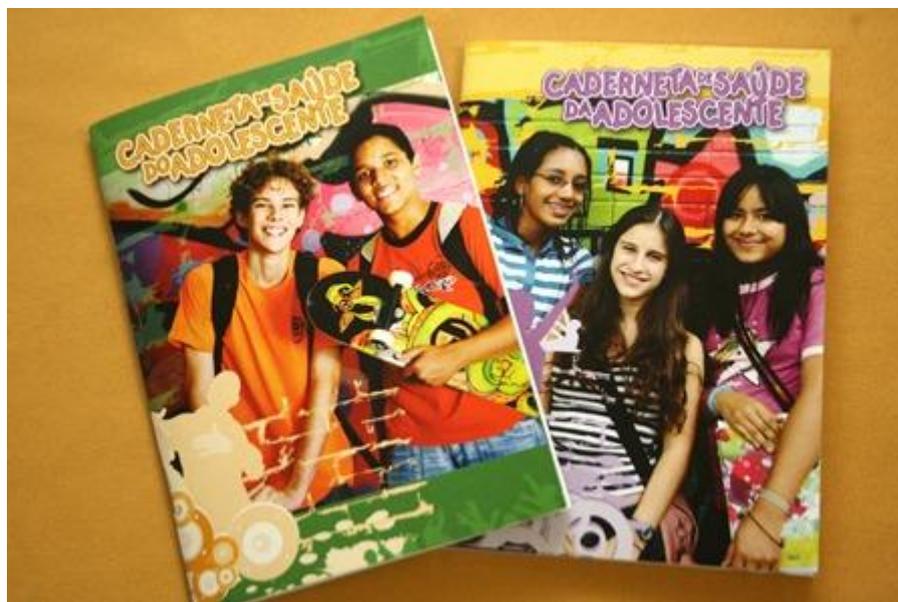
ESSE VACINAR TRANSMISSÃO DE HEPATITE B E C?

Sim, a vacinação é essencial para a prevenção da hepatite B e C.

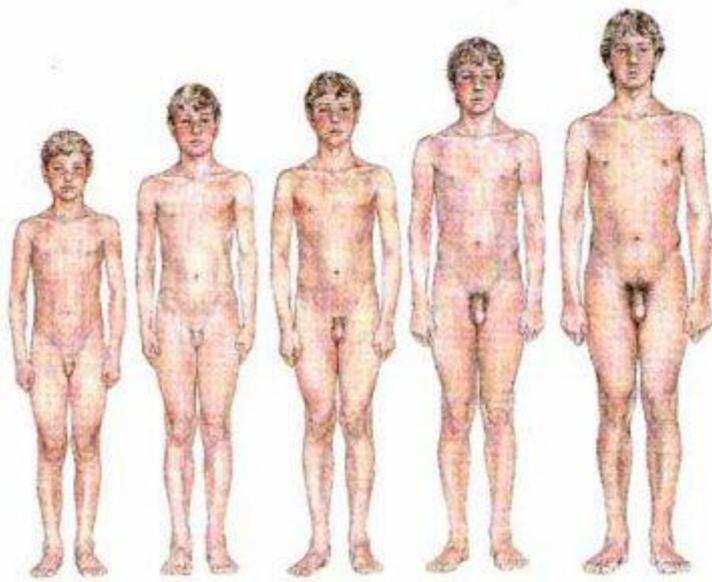
As vacinas são seguras e eficazes.



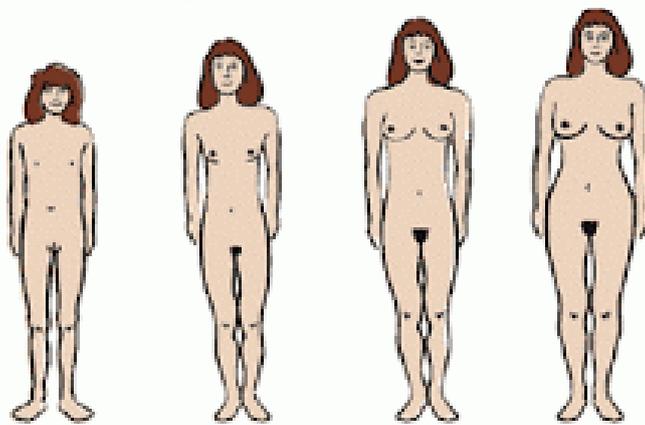
ANEXO C



ANEXO D



your changing body



ANEXO E

